Edição especial
para
sábado
e domingo
Ano 14
N.º 4333
Propriedade
da Editorial Caminho, SA

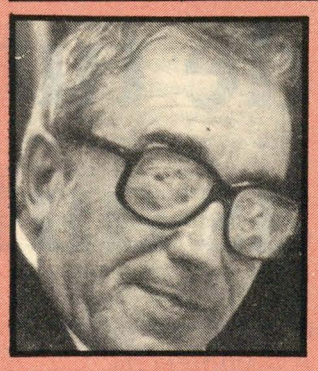
80
páginas
100$00
Madeira 125$00

Sábado
25 de Fevereiro de 1989

TEMAS 2

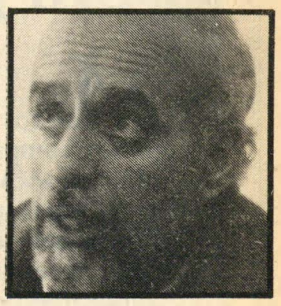
CASA PIA:
Uma escola aberta ao futuro

CULTURAL 3
ENTREVISTA



Cardoso Pires e a república das fábulas

DESPORTO

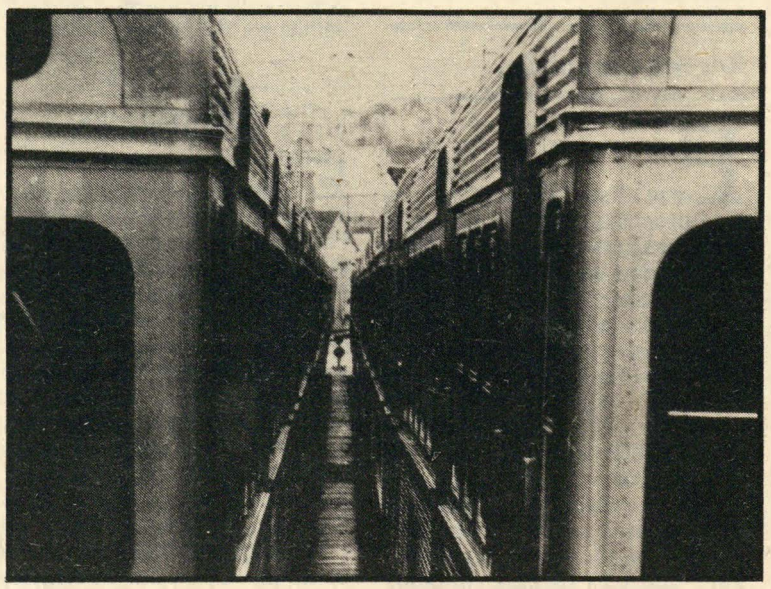


M. de Carvalho e a lei de bases
Págs. 22/23

ADESÃO ULTRAPASSOU EXPECTATIVAS

Mobilização imparável

- *Previsão de 500 mil em greves e paralisações*
- *Mais de 3000 plenários, em 800 a 1000 locais de trabalho*
- *Organizações sindicais da UGT também participaram*
- *As instituições não podem ficar indiferentes, comenta a CGTP-IN*



Págs. 4, 5, 6 e 7

TITO DE MORAIS AO «FIM DE SEMANA»

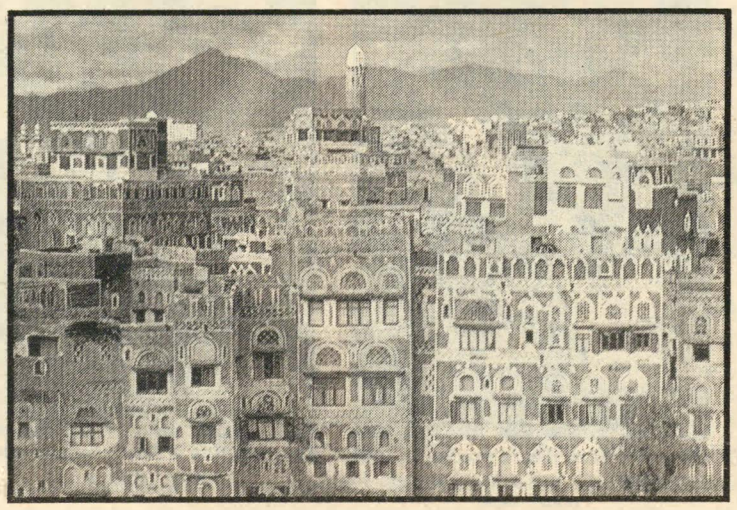
«Não quero estar na Assembleia quando for votada a revisão»

Pág. 15

Histórias cruzadas da rainha do Sabá ao Yemen de hoje

José Goulão em Sanaa

Pág. 17



Quem não tem cão caça com gato...

Porto (*da nossa delegação*) — Devido à greve dos funcionários de investigação da Polícia Judiciária, que desde quinta-feira se recusam a conduzir os carros da corporação, investigadores da 7.ª secção da PJ do Porto, deslocaram-se, ao princípio da tarde de ontem, de autocarro a um local do Grande Porto, tendo detido dois indivíduos acusados de falsificação de cheques, os quais chegaram a São Bento da Vitória, em dois táxis.

Um dos detidos é taxista de profissão e foi transportado à directoria daquela polícia por um seu colega.

Os detidos estão implicados em mais de 30 processos por falsificação de cheques e foram já presentes ao Tribunal de Instrução Criminal do Porto.

«Contra» da Nicarágua confirma compra de armas a Portugal

«o diário» denunciava pela primeira vez na imprensa portuguesa, já lá vão dois anos, o envolvimento português e a cumplicidade do Governo cavaquista no escândalo Irangate. O Governo negava que Portugal tivesse vendido armas destinadas aos «contras» antinicaraguenses. Nos EUA, o ex-tenente-coronel Oliver North era considerado o «cérebro» da operação e, mais tarde, levado a tribunal.

Agora, em Washington, um dos chefes dos «contras» confirma ter comprado armas em Portugal. Será desta que o País vai ser esclarecido?

Pág. 18

Avião perde passageiros aspirados em pleno voo

Washington — Um *boeing* 747 da companhia United Airlines aterrou ontem no aeroporto de Honolulu com um buraco na fuselagem e «oito a onze passageiros desaparecidos», anunciou um porta-voz da aeronlutica civil norte-americana.

O avião seguia para a Nova Zelândia e voltou a Honolulu depois de o piloto alertar para uma emergência a bordo. O avião fazia o voo 811, entre o Hawai e Auckland, Nova Zelândia.

Um porta-voz da FAA disse que o piloto comunicara à torre de controlO problemas num dos motores e posteriormente no outro, pelo que regressava a Honolulu.

«Quando aterrou havia um enorme buraco do lado direito da fuselagem perto da porta da frente e alguns passageiros tinham desaparecido», disse o mesmo porta-voz. Os passageiros foram aspirados para fora do aparelho.

Navio da RFA naufragou ao largo das Berlengas

Pág. 14

A cultura como frente de trabalho no âmbito da CEE

José Barata Moura

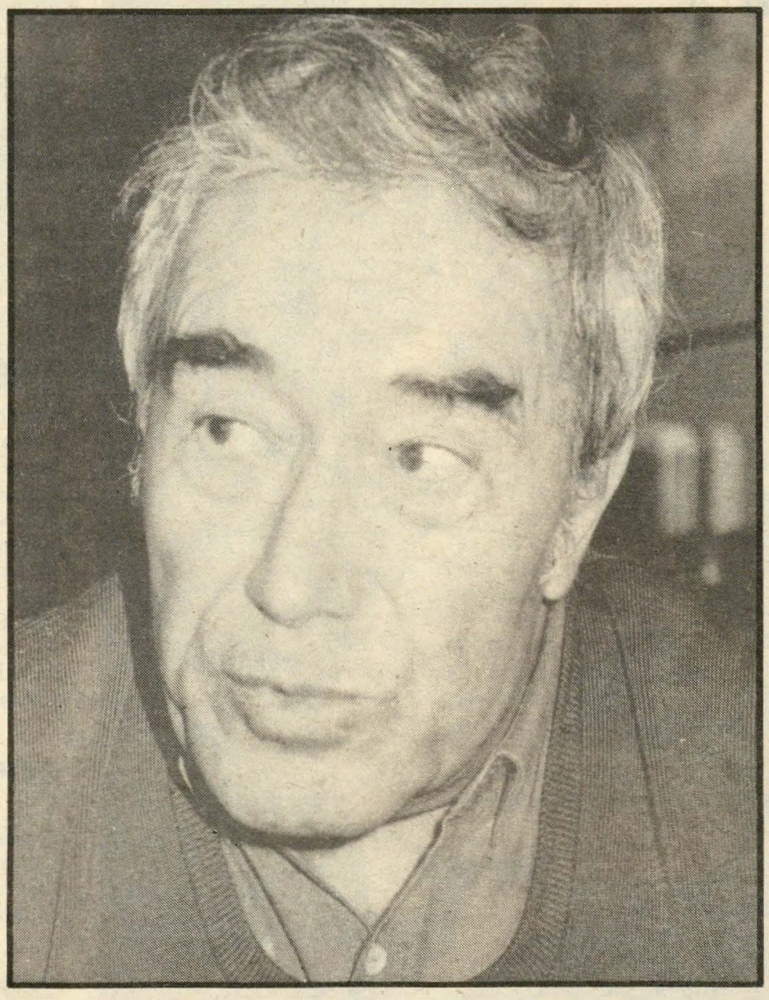
Há as Europas da geografia. As Europas da geopolítica. As Europas dos impérios, intra e transeuropeus. As Europas das nacionalidades e dos povos. As Europas de trabalhadores e as de transnacionais. As Europas das instituições económicas de coordenação. As Europas dos balanços e das balanças — de poder e outros. As Europas dos cenários de guerra, dos teatros de operações, do espectáculo bélico que arrisca o extermínio universal.

(...)

Esta multiplicidade de Europas — que nos fala e interpela do fundo da nossa história e na raiz inatendida de muita contradição que nos aflige — constitui o património, vivo e *em desenvolvimento*, onde se inscreve a configuração teórica e prática, a que somos chamados, da nossa destinação colectiva.

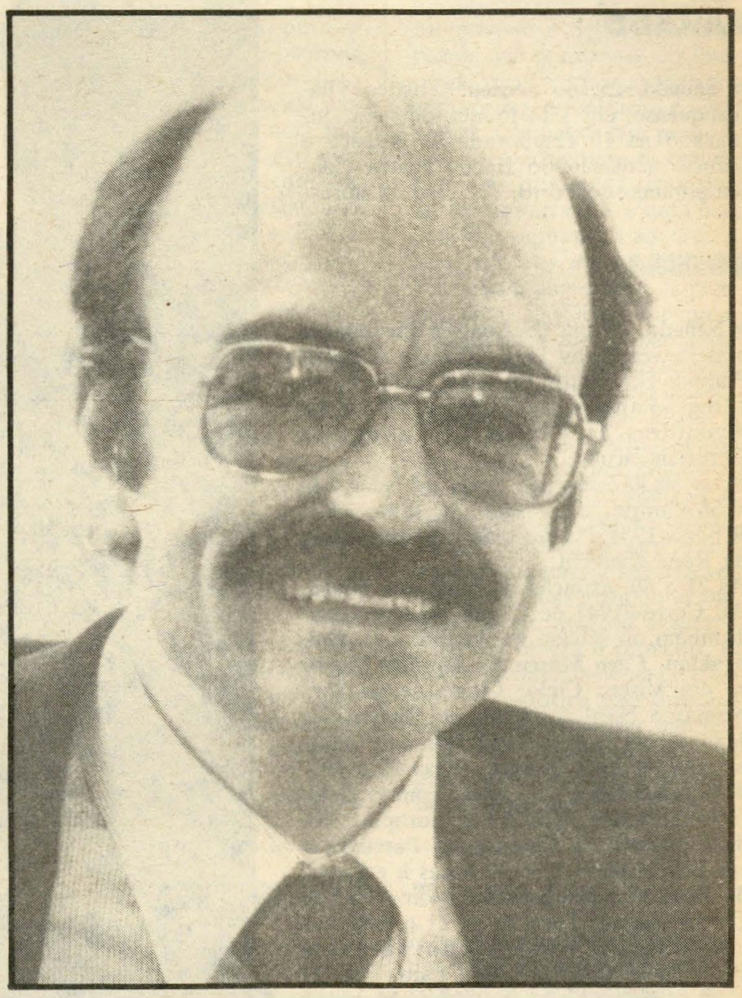
Ela não esgota o nosso horizonte de humanidade. Mas desenha — do passado e em devir, como feixe de condições e possibilidades — uma referência fundamental.

Págs. 15/16/17



JOSÉ CARDOSO PIRES

Pretendi criar uma república fabular encimada pelo corvo lisboeta



ERNESTO RODRIGUES

O jovem escritor sente os apuros da modernidade nas estratégias intertextuais

Entrevistas conduzidas por Miguel Serrano/José Jorge Letria

Cristóvão Colombo num livro de Alejo Carpentier

Um texto de Miguel Urbano Rodrigues

No âmbito das comemorações do V Centenário da chegada à América das naus de Cristóvão Colombo, a figura do «descobridor» permanece nevoenta.

Não se trata de um esquecimento. A época favorece a descida às raízes do trágico e criativo encontro de culturas. Mas na reflexão polémica que se desenvolve dos dois lados do Atlântico, Colombo quase não aparece. Sabe-se pouco sobre o genovês que antecipou os contactos entre o Velho e o Novo Mundo. Transcorrido meio milénio, muitos aspectos da sua personalidade contraditória continuam envolvidos em mistério.

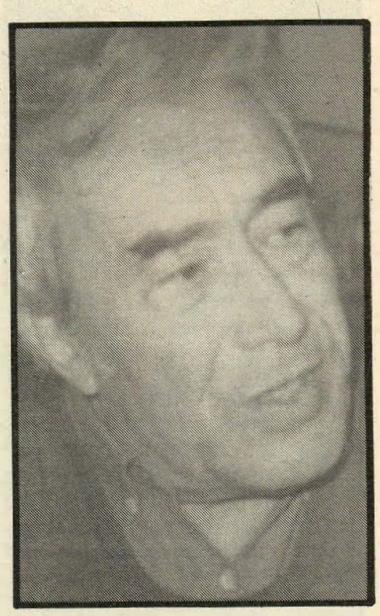
Págs. 13/14

O escultor Álvaro Carneiro e os «seus» povoamentos

Págs. 10/11

JOSÉ CARDOSO PIRES

«A República dos Corvos»: 1.ª edição (10 000 exs.) Fins de Novembro de 1988; 2.ª edição (7000 exemplares) a sair em Fevereiro 1989. Em preparação uma edição ilustrada por António Dacosta D. Quixote-Círculo de Leitores.



A República dos Corvos também teve o seu dinossauro e ainda por cima passou à história como monstro Piedoso

Estamos à conversa. À mesa da tasca, conforme o previamente combinado. A fala roda ainda em sentido de outros dizeres, que não desse magnífico livro que ali nos juntara ***«A República dos Corvos»*** *— ficções onde o real e o irreal se confundem. Ficções onde José Cardoso Pires melhor nos mostra o fruto admirável da sua riqueza inventiva, da sua arte de escrita, da arquitectura alegórica dos temas, da subtil e inesgotável ironia. Contos ou novelas onde há verdadeiras obras-primas como «A República dos Corvos»; «Ascensão e Queda dos Porcos Voadores»; «As Baratas»; «Lulu»; «Os Passos Perdidos — informe sobre um congresso»; «Dinossauro Excelentíssimo» e «O Pássaro das Vozes». Afinal distinguimo-los todos, citámos todos os títulos. Era forçoso que assim fosse. José Cardoso Pires é um dos mais notáveis escritores língua portuguesa.*

*... mas estávamos nós à conversa ainda na calha de viagens, peregrinações do escritor pelas sete partidas do mundo, só ou com outros escritores de países vários; de indivíduos que denunciaram e para os quais o sistema reservou um cantinho confortável; peditórios feitos em tempo de fascismo dos quais ninguém mais se lembrou de pedir contas e que os arquivos de certo matutino podiam "**falar!**... De memórias perdidas se falava, de factos que para além de puramente psicológicos correspondem a uma realidade profunda.*

... e veio ainda a talhe de fala uma certa mesa-redonda no tempo do fascismo — porque fascismo houve, assim como houve pides, bufos, denunciantes, censura, coisas assim só pronunciadas por uns tantos e por inadvertência por outros...

*(Nunca acusaremos bastante tais indivíduos, detestáveis sempre e sem qualquer circunstância, quer fossem guardas de fronteira, **simples** denunciantes, escriturários... Eram pides, guardas da intolerância, da brutalidade, do asfixiamento deste País...)*

... falava-se pois dessa mesa-redonda que procurava justificar o encerramento da Sociedade Portuguesa de Escritores, e recordavam-se indivíduos cúmplices que se cobriram de desonra e que, sem renunciarem a essas baixezas, sustentam o sucesso das velhas atitudes.

E falou-se de Gabriel Garcia Marquez, de Cortázar, de Vargas Llosa, cada vez mais à direita... até que chegámos ***«A República dos Corvos»****, um livro onde o ritmo da escrita, a ironia, a crítica, a meditação sobre o presente ou o futuro imediato a que nenhum dos nossos escritores se pode furtar, ganham uma dimensão que importa realçar.*

Íamos então no café e da fala entre entrevistadores e entrevistado se ***traduz*** *assim, eliminando-se os circunlóquios e os intervalos para tabaquear a conversa.*

Fim de Semana — Há em «A República dos Corvos» grandes momentos ficcionais e notáveis frescos narrativos. Como foi que nasceu e se foi construindo este livro?

José Cardoso Pires — Há dois anos o *Le Monde* pediu-me um conto inédito para uma série de textos de autores europeus que o jornal estava a publicar. Escrevi então **Os Passos Perdidos** que aparecem agora neste livro e enquanto escrevi essa história de académicos cegos e de cães eruditos comecei a pensar noutras «zoologias dramáticas» que fazem parte da paisagem do nosso dia-a-dia. Insectos kafkianos, pássaros de vozes, cães-polícias, etc. A origem do livro foi esta.

F. de S. — Há, por vezes nestes contos, mesmo nos mais implacáveis, naqueles em que o homem não pode deixar de se ver projectado no seu «bestiário privado», a verve e o fôlego dos grandes moralistas da literatura universal, que também não pouparam os homens através dos seus «semelhantes» de quatro patas. Acha que exagero?

J.C.P. — De maneira nenhuma. Foi exactamente isso que eu pretendi. Ou seja, criar uma república fabular encimada pelo corvo lisboeta. Uma espécie de zoo, digamos, em que o homem se visitasse a si próprio através do animal doméstico ou familiar que ele viciou à imagem das suas corrosões e dos seus mitos.

F. de S. — Que lugar reserva nessa república fabular ao dinossauro?

J.C.P. — O dinossauro é um animal de museu. Os exemplares que ainda sobrevivem, Pinochet, Strossner, Pol Pot, Ceausescu e poucos mais pertencem à subespécie dos Tyranossaurus que é a mais depradadora. Alguns como o africano Bokassa eram mesmo antropófagos, não sei se se recorda. Pois bem, a República dos Corvos também teve o seu dinosssauro e esse ainda por cima passou à História como monstro piedoso. Piedoso e cristianíssimo ainda para mais. Como toda a gente sabe e está prestes a esquecer, Salazar foi durante meio século abençoado da Santa Sé. Ainda hoje lhe restam apóstolos desesperados como o dr. Franco Nogueira que procuram transformá-lo em mito sebastiânico, e foi por causa desse revivalismo culposo que fiz desse dinossauro uma personagem do meu livro.

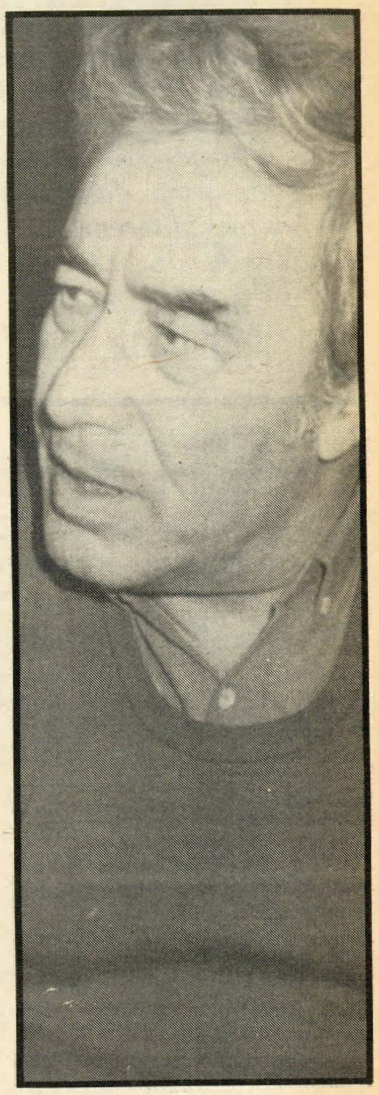
As compartimentações não me interessam grandemente

F. de S. — «Os Caminheiros e Outros Contos» e «Jogos de Azar» são livros de contos e grandes momentos da arte narrativa em Portugal neste século. Como os situa no conjunto da sua obra? O conto serve-lhe para «fazer a mão» para o romance ou são ritmos de escrita e de pensamento completamente distintos?

J.C.P. — Fazer a mão? Se o conto pudesse fazer a mão para o romance não passaria dum género de transição, o que eu, como romancista, não aceito. Onde está o melhor Hemingway? Em *Por Quem os Sinos Dobram* ou nas geniais *49 Stories* com que ele revolucionou o conto dos nossos dias? E o seu último grande romance, o *Across the River and into the Trees* não será afinal um longo conto e nada mais? Uma *long short story*... os ingleses, de resto também usam essa definição frequentemente. E os contos de Faulkner? Os contos de Faulkner são, quanto a mim, romances curtos porque têm a tecitura das novelas. Ora, o conto moderno é posterior ao romance, nasceu de Gogol e de Pöe e foi uma expressão revolucionária da literatura contemporânea. Nenhum complexo em relação ao romance, por conseguinte. Através do conto e só do conto, escritores como Dorothy Parker, Damond Runyon ou Catherine Mansfield ficaram na lista dos imortais, e Bates, em *The Modern Short-Story* já demonstrou de maneira concludente que o conto moderno tem uma estrutura, um enfocamento e um ritmo (como disse há pouco) perfeitamente distintos dos outros géneros. Eu, pela minha parte, essas compartimentações não me interessam grandemente. Se há romances de dez páginas e contos de trezentas e tal, não é por aí que vem grande prejuízo à literatura.

F. de S. — A descrição e a transfiguração do real atingem neste livro momentos sublimes. Se fosse preciso rotulá-lo como escritor incluir-se-ia na estirpe dos grandes realistas?

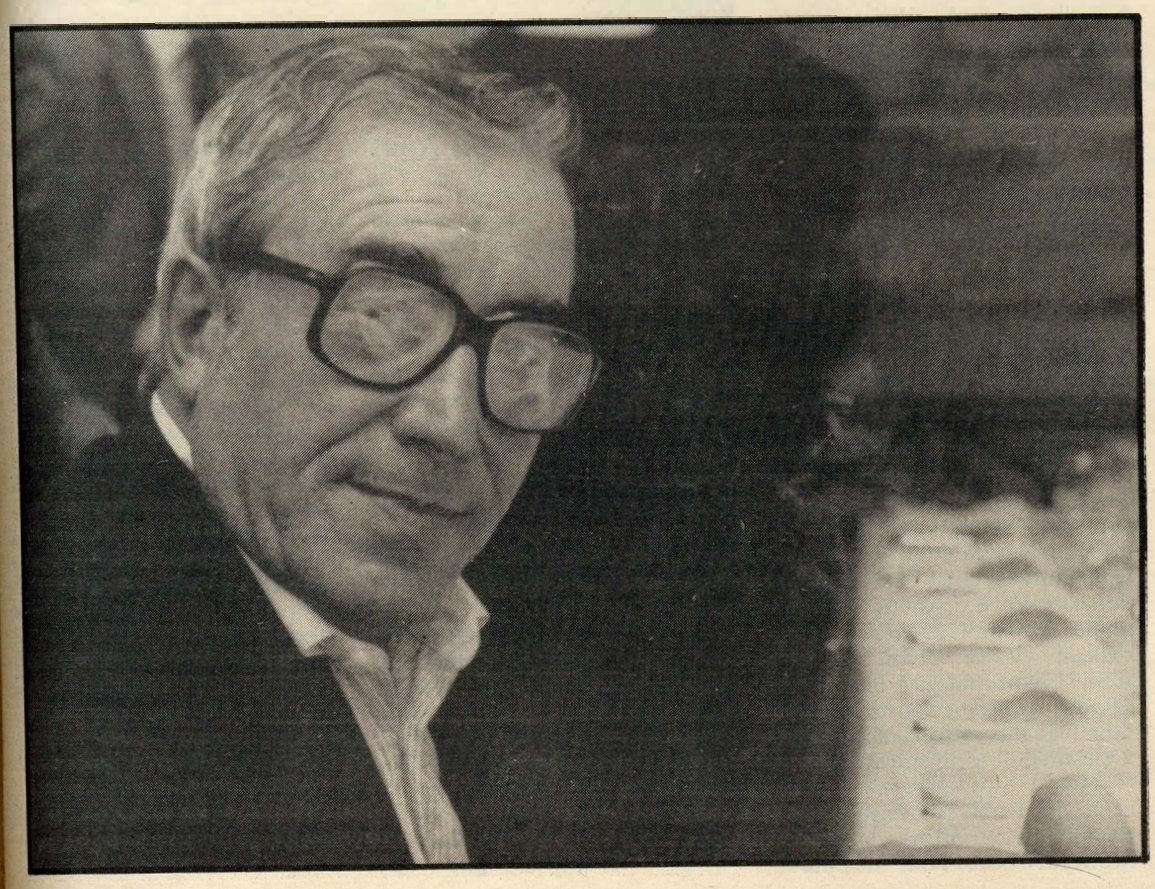
J.C.P. — Não sei. Os rótulos mudam e as obras ficam. Quando ficam. Na estirpe dos realistas sim. Aliás, os rótulos mudam com os catalogadores de serviço, a obra é que fica. Quando fica...



«A Pele do Bombo»

F. de S. — A arte do conto atingiu momentos de génio com Maupassant e com Tchekov, entre outros. Acha que a arte e o ofício do conto padecem, pelo menos em Portugal, do estigma da menoridade?

J.C.P. — Acho que não. Em Portugal temos um Torga que, além de poeta, é um contista exemplar. Temos Mário Dionísio e o Almada Negreiros e *A Engomadeira*. Temos finalmente a **Pele do Bombo** de Aquilino Ribeiro que é, para mim, uma obra-prima do conto moderno.

F. de S. — Que mundo se perfila por trás destas «fábulas exemplares»? Onde acaba a abordagem séria, ou melhor, austera das coisas e das personagens e começa o puro divertimento?

J.C.P. — Há vários autores que produziram «fábulas exemplares», chamemos-lhe assim, através do romance ou do conto. Jorge Luís Borges, por exemplo, com o **Manual de Zoologia Fantástica.** Ou Cortazar com o **Bestiário**. Ou John Irving com o seu mundo de Garp. Enfim, vários, a lista nunca mais teria fim. O que transparece neste tipo de ficção, a meu ver, é um acentuado sentido de divertimento e de humor nas relações em que se conjugam os personagens uns com os outros. Matisse dizia que não lhe interessavam pintar as coisas mas as relações em que elas se definiam. Eu na **República dos Corvos** pensei também assim.